ecompós

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

ISSN 1808-2599, v. 29, jan–dez, publicação contínua, 2026, p. 1–21.
doi.org/10.30962/ecomps.3258

Harold Innis, filósofo político
Restaurando o nexo economia, comunicação e política

JULIO LUCCHESI MORAES
Universidade de Saint-Boniface
Winnipeg, Manitoba, Canadá

LEONARDO ANDRÉ PAES MÜLLER
Universidade Federal do ABC
Santo André, São Paulo, Brasil

ID 3258

Recebido em
26.08.2025
Aceito em
18.05.2026

/resumo

O artigo propõe uma releitura de Harold Innis pela filosofia política, superando visões que o reduzem à Teoria da Comunicação, eclipsado por McLuhan, ou à História Econômica, como protodesenvolvimentista. Ao articular produtos básicos (staples) e mídias, Innis oferece um quadro que conecta economia, comunicação e política, mostrando como arranjos materiais e midiáticos moldam horizontes cognitivos e institucionais. Ao rejeitar teleologias e determinismos tecnológicos, sua obra fornece instrumentos para pensar continuidades e rupturas, agência e estrutura, revelando um projeto intelectual sistêmico.

Palavras-chave: Filosofia política. Teoria da comunicação. Produtos básicos (staples). Mídias. Pensamento social canadense.

Harold Innis, Political Philosopher: Restoring the Economics – (Communication) – Politics Link

This article offers a reinterpretation of Harold Innis through political philosophy, moving beyond views that reduce him to Communication Theory, overshadowed by McLuhan, or to Economic History, as a proto-developmentalist. By articulating staples and media, Innis provides a framework that connects economy, communication, and politics, showing how material and media arrangements shape cognitive and institutional horizons. Rejecting teleologies and technological determinism, his work offers tools to conceive continuity and change, agency and structure, as part of a systemic intellectual project.

Palavras-chave: Political philosophy. Communication theory. Staples. Media. Canadian social thought.

Harold Innis, filósofo político: restableciendo el vínculo entre economía, comunicación y política

El artículo propone una relectura de Harold Innis desde la filosofía política, superando visiones que lo reducen a la Teoría de la Comunicación, eclipsado por McLuhan, o a la Historia Económica, como protodesarrollista. Al articular productos básicos (staples) y medios, Innis ofrece un marco que conecta economía, comunicación y política, mostrando cómo los arreglos materiales y mediáticos configuran horizontes cognitivos e institucionales. Al rechazar teleologías y determinismos tecnológicos, su obra brinda herramientas para pensar continuidades y rupturas, agencia y estructura, dentro de un proyecto intelectual sistémico.

Palabras clave: Filosofía política; teoría de la comunicación; productos básicos (staples); medios; pensamiento social canadiense.

/autores

ORCID

Julio Lucchesi **MORAES**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo (PPGHE-USP), com estágio de doutoramento na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Realizou pós-doutorado junto aos departamentos de Estudos Políticos e Estudos Indígenas da Universidade de Manitoba (2016-2018). Atualmente é docente na Faculdade de Artes da Université de Saint-Boniface.

Universidade de Saint-Boniface, Winnipeg, Manitoba, Canadá

E-mail: jlucchesi@ustboniface.ca

ORCID

Leonardo André Paes **MÜLLER**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (PPGFIL-USP) e da Universidade Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Mestre pelo PPGFIL-USP, bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Realizou pós-doutorado junto ao PPGFIL-USP (2016-2020) e junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP, 2024-2025). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do ABC (PPG-Eco/UFABC) e economista-chefe da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE).

Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo, Brasil

E-mail: paes.muller@ufabc.edu.br

Introdução

O pensamento do economista, historiador e teórico canadense da Comunicação Harold Innis (1894-1952) ainda desfruta de baixa reverberação internacional (Bonnett, 2013). Não que seu nome ou pontos cardeais de suas teorias sejam desconhecidos. A questão é que, enquanto as contribuições de seu colega e discípulo maior, Marshall McLuhan, seguem celebradas e discutidas em departamentos de Comunicação e Estudos Midiáticos, o interesse na obra de seu colega e antecessor é menor ou, melhor, é *adjunto*.

Fenômeno análogo ocorre nos departamentos de Economia, onde as referências a Innis costumam ser oblíquas: também aqui o vemos ocupando papel coadjuvante, ora como um protodesenvolvimentista anunciador da teoria dos encadeamentos produtivos de Albert Hirschman, ora como mera ponte entre o velho institucionalismo de Throstein Veblen e o novo institucionalismo de Douglass North.

Essa dupla interpretação ocorre também na recepção brasileira de sua obra, sendo frequente ver seu nome ao lado do nome de McLuhan (Machado, 2002; Faro, 2004; Martino, 2009; Vicente, 2009; Aguiar, 2012; Braga, 2012; Melo, 2014; Barbosa, 2014; 2016; Fonseca; Fernandes, 2016; Almeida, 2016; Cazavechia, 2017; Rovai, 2018), ou apresentado como protodesenvolvimentista associado a Albert Hirschman ou Celso Furtado (Lima, 2001; Pires, 2007, 2008; Monteiro; Coelho, 2007; Boianovsky, 2009; Trennepohl, 2010; Medeiros, 2013; Madureira, 2015; Prado, 2015; Bastos, 2016; Facio; Corrêa; Paiva, 2020; Antonio; Mattos, 2021).

Essas referências são mobilizadas aqui a título ilustrativo, e não serão examinadas individualmente. O arrolamento indica a amplitude, mas também a cisão predominante na leitura de Innis no Brasil: ora absorvido pelo campo comunicacional sob a sombra de McLuhan, ora apropriado como antecipador de teorias do desenvolvimento. Essa bifurcação não é apenas classificatória, produzindo um efeito interpretativo relevante: ao separar o Innis teórico da Comunicação do historiador econômico, tende-se a perder justamente a unidade de seu projeto intelectual – a saber, sua reflexão sobre as formas históricas de organização do poder.

É nesse ponto que se localiza a lacuna enfrentada por este artigo. Embora existam leituras que aproximem Innis da Economia Política da Comunicação e que relativizem a separação entre seus escritos econômicos e comunicacionais (Martino, 2009; Melo, 2011; Mello, 2019; Subtil, 2013; Silva, 2013; Lima; Santos, 2022), tais interpretações ainda não parecem ter explorado suficientemente a hipótese de que a política constitui uma dimensão organizadora de sua obra. Em outras palavras, o problema não consiste apenas em reconhecer que Innis escreveu sobre economia, comunicação e política, mas em compreender como produtos básicos, mídias, instituições e formas de associação compõem, em sua teoria, um mesmo campo de investigação sobre poder, equilíbrio e transformação histórica.

A contribuição pretendida, portanto, é dupla. Em primeiro lugar, o artigo busca oferecer uma leitura mais integrada de Harold Innis, evitando tanto sua redução a precursor de McLuhan quanto sua assimilação a um protodesenvolvimentismo econômico. Em segundo lugar, procura indicar a utilidade dessa releitura para a Teoria da Comunicação: ao recolocar a dimensão política no centro da obra innisiana, torna-se possível pensar os meios não apenas como tecnologias ou suportes, mas como partes de arranjos materiais, institucionais e cognitivos que moldam as condições históricas da vida coletiva. Essa abordagem reforça a conexão entre Comunicação e Economia Política e permite tratar fenômenos comunicacionais contemporâneos não apenas como inovações técnicas, mas como formas de reorganização do poder.

Entre o meio e a mensagem: Innis para além de McLuhan

É incorreto afirmar que Harold Innis seja figura desconhecida no meio acadêmico brasileiro. O problema, se assim podemos dizer, reside em outra parte. O primeiro contato da recepção innisiana no país

usualmente ocorre através de uma dupla ocorrência de seu nome ao de Marshall McLuhan. Ambos são empacotados conjuntamente no contexto da Teoria da Comunicação da Escola de Toronto. As menções a Innis são tão sobrepostas às de seu discípulo e difusor que em muitos casos os vemos efetivamente amalgamados, como se suas teorias de comunicação fossem justapostas ou intercambiáveis (Buxton, 1998).

O motivo desse amálgama tem raízes na própria dinâmica de institucionalização da Escola de Toronto, e a figura principal na composição desse enredo é ninguém menos que o próprio McLuhan. O teórico nutria imenso respeito (para não dizer devoção) a seu mentor e colega[01]. Sobre o tema, Alexander Watson (2007) argumenta que, não fosse a reverência de McLuhan, o legado innisiano dificilmente teria sobrevivido.

Essa sobreposição engendrou uma espécie de crime por associação. É fundamental relembrar que McLuhan, sua teoria e sua persona midiática não estiveram isentos de críticas – tanto por ocasião de sua publicação original quanto nas décadas que se sucederam. Janara Sousa e Elen Geraldes (2010) acertadamente afirmam que o pensador costuma ser recebido numa chave dicotômica ou maniqueísta. Não por acaso, o título de uma das seções de seu artigo traz o enunciado "McLuhan: ame-o ou deixe-o" (Sousa; Geraldes, 2010, p. 99-105).

A referência ao bordão ufanista é pertinente, tendo-se em conta a ambiência polarizada do meio intelectual e acadêmico local quando da chegada e aclimatação das teorias de McLuhan. No contexto da Guerra Fria e da politização dos campos artístico e intelectual nacionais, McLuhan foi acusado de (e recusado por) ser considerado um intelectual inocente (ou incapaz) de bem lidar com o componente político do universo midiático/cultural/artístico (Katz; Katz, 2007). Categorias caras aos intérpretes marxistas da cultura – como *ideologia*, *interpelação*, *ação política*, *disputa hegemônica*, mas também *reificação* e *indústria cultural* – passam longe do espectro de preocupações mcluhaninanas. Em casos mais agudos, o teórico é apresentado em tons bufônicos, retratado como um idólatra de mídias massificadas, um entusiasta deslumbrado pelos volteios fantasiosos de seu objeto de estudo ou, em última análise, um mero apologeta do capitalismo e de sua ideologia autorreferente[02] (Faro, 2004).

Se a acusação de que McLuhan é um autor desinteressado (ou incapaz) de bem lidar com o trato político e de que sua teoria está estruturalmente restrita pela ação de um bloqueio (ideológico?) originário da reificada inflação da "monocausalidade das mídias"[03] (Katz; Katz, 2007, p. 100), cremos que pouco ou efetivamente nada de tais aspectos podem ser transplantadas ao projeto innisiano. Pelo contrário: revisitar a tradição de Harold Innis teórico da Comunicação, mas também *historiador econômico* e *economista político* significa revigorar um ofuscado *viés político* da Escola Canadense de Comunicação. Mais do que isso, trata-se de reativar uma corrente intelectual, reconectando o que décadas de ultra especialização acadêmica desligaram artificialmente, possibilitando a plena valência do trinômio das Humanidades (e da práxis): o nexo Economia – (Comunicação) – Política (Melo, 2011; 2014).

A empreitada exige certa engenharia reversa, uma recomposição do arranjo químico original presente na Teoria da Comunicação de Harold Innis posteriormente dissolvido (ou desidratado) pela "transmutação alquímica" de McLuhan (Peters, 2011). Trata-se, em outras palavras, de operar um exercício que é hermenêutico, mas também político, desencantando a Teoria da Comunicação, entorpecida pelo feitiço do

01 "Em *A galáxia de Gutemberg* (1977), o próprio McLuhan reconheceu sua dívida intelectual com Innis: "Harold Innis foi a primeira pessoa a tratar do processo de transformação implícito nas formas de tecnologia. Meu livro não é mais do que uma nota de rodapé em relação a seu trabalho" (Mattelart; Mattelard, 2003, p. 178 *apud* Faro, 2004, p. 58).

02 A reaparição de McLuhan nos anos 1990 (desta vez, como profeta das novas mídias, da internet, da sociedade em redes etc.) não auxilia na recomposição de sua figura (e, indiretamente, na de Innis) nos meios intelectuais à esquerda. Embora vejamos sua imagem menos ferida, o segundo descarte de suas contribuições advém da não de todo infundada associação do guru canadense aos projetos pós-modernos, culturalmente inflacionados e, uma vez mais, desprovidos da esperada gravidade política (Carey, 2007, p. 87; Gastal, 2009).

03 Para uma discussão crítica à dimensão "hiperbólica" da teoria das mídias de Toronto, ver Karina Lima (2001).

"guru da era eletrônica" (Carey, 2007). Insistindo na analogia, é preciso abandonar a leitura "alquímica", contaminada, aliás, por contornos *new wave* do mcluhanianismo, resgatando uma variante mais dura, porém não menos fascinante, da temática comunicacional.

Comecemos pelo cotejamento entre os dois autores no plano pessoal. Se, em McLuhan, temos uma figura de alta voltagem midiática, se seu pensamento realiza-se por aforismos e seu interesse inicia-se no plano literário e no impacto da televisão, Innis surge como homem comezinho, autor de uma prosa truncada e, muitas vezes, monótona e confusa. Suas obras se detêm, por vezes páginas à fio, em temas tortuosos, e nos anos finais de sua vida o vemos deliberadamente avesso a grandes audiências. O pensador parece, assim, bem caber ao autoatribuído título de "economista enlameado" [*dirt economist*], isto é, uma figura de bastidores, um *escavador* disposto ao labor junto ao *lamaçal da História*[04].

Essas descrições não devem ser descartadas como meras anedotas. Elas indicam, antes, um posicionamento político distinto, expresso na posição intelectual que o autor de *O papel do intelectual* (1950b) e *Estratégias da cultura* (1952) encarna – ou, em termos contemporâneos, performa. Um exemplo claro é o primado da oralidade. Embora central para ambos os autores, o tema é mobilizado em registros muito distintos: em McLuhan, a tradição oral aparece de forma mais notável na liturgia católica, com seus maneirismos retóricos e barrocos; já em Innis, o interesse recai sobre zonas menos espetaculares do fazer oral, como debates parlamentares, disputas nos tribunais da *common law* anglo-saxônica e processos decisórios de agrupamentos comunitários (Carey, 2007).

Nesse sentido, cremos que uma Teoria da Comunicação mais bem capacitada à temática política exige um deslocamento. O projeto mcluhaniano, focado como esteve (e está?) na ionosfera da cultura, é eficaz para bem evidenciar a potência e os contornos libidinais do encantável mundo do "sublime elétrico" (Watson, 2007; Winseck; Pike, 2007; Charney; Schwartz, 1995). Embora importante, esta é apenas a face exposta de um emaranhado subterrâneo, composto por placas tectônicas de lenta movimentação (*e.g.* Innis, 1930). Mas são justamente esses blocos que figuram, para Innis, como motores efetivos de deslocamento, mas também de estabilização, paralisia ou retrocessos da História.

Não queremos descartar os avanços da agenda mcluhaniana. Seja pela originalidade de suas propostas, seja pela luminescência de sua própria figura, foi McLuhan – talvez mais do que qualquer outro de sua geração – quem permitiu que a Comunicação entrasse (fausticamente) no panteão de disciplinas da Academia. O ingresso ao seleto grupo teve, contudo, seu preço. Na passagem de Innis para McLuhan, ficaram para trás os detalhes supostamente insignificantes da Geografia, os preciosismos metodológicos da História Econômica, e, por fim, o interesse pelos fugazes arranjos sociais que, centrais na prosa de Innis, são rebaixados em McLuhan a meros "detalhes políticos".

Por tal razão, a ativação da potencialidade política do pensamento de Toronto envolve um *passo atrás*, isto é, *uma reformatação epistemológica* (Martino, 2009). O simples deslocamento da Teoria das Mídias de McLuhan para Innis já oferece avanços, sobretudo se entendermos que essa mudança envolve uma reorientação do lócus privilegiado do fenômeno comunicacional. Enquanto McLuhan está essencialmente preocupado com as implicações das mídias no corpo e na mente humana – isto é, no plano psicossomático (1964) –, o centro de gravidade innisiano é outro. Na vasta escala dos impérios e das civilizações (temas privilegiados do Innis tardio), o *indivíduo*, o *sujeito* tem papel diminuto. McLuhan é grandioso em sua ambição sobre a longa zona de influências psicocognitivas das mídias. A megalomania de Innis é distinta: seu apetite é sistêmico, holístico, enciclopédico (Watson, 2007).

04 Essa abordagem evoca Caio Prado Júnior (2000), em seu mergulho nos "cipoais" da formação histórica brasileira, mas também Mário de Andrade (1943) e, em contexto internacional, Friedrich Kittler (1990). São todos casos de investigações arqueológicas, por vezes "enlameadas", que desbravam camadas densas da história e da cultura.

A Comunicação (como área do conhecimento) não poderia ter sido inaugurada por Harold Innis porque, para ele, a Comunicação não aparta-se de outros fenômenos humanos. Seu mérito está na descoberta da relevância das mídias para a emergência e persistência de arranjos sociais, para a composição e decomposição de sistemas civilizacionais de longa duração e para a modulação do político – entendido na escala micro, meso ou macro (Blonheim; Watson, 2007).

Por fim – e para frustração dos adeptos da especialização acadêmica –, o próprio Innis jamais propôs enquadrar a questão comunicacional como tema destacável. Embora centrais em sua obra posterior, as mídias aparecem nominalmente indicadas como "apenas uma" dentre distintas (e igualmente decisivas) variáveis. Aqui, contudo, já caminhamos para além da penumbra mcluhaniana, entrando na segunda redução do innisianismo, decorrente agora da simplificação economicista.

Teoria dos Produtos Básicos, para além do protodesenvolvimentista

Se a dissociação entre os projetos de Innis e McLuhan permite uma melhor compreensão da especificidade innisiana no universo comunicacional, tarefa semelhante deve ser operada no domínio da História Econômica. Uma vez mais encontramos Innis mobilizado de maneira adjunta, apresentado agora como antecipador de teorias que apenas mais tarde viriam a se consolidar. Depois de McLuhan, os autores mais frequentemente associados a Innis são os economistas Albert Hirschman, Celso Furtado e Douglass North. Há duas linhagens de diálogo aqui: o *institucionalista* e o *desenvolvimentista*. Tratemos, então, de melhor compreender essas conexões, começando pela primeira.

A coalização entre Innis, Hirschman e Furtado ocorre por ação da Teoria dos Produtos Básicos (*Stapples Thesis*), por ele proposta e elaborada entre os anos 1920 e 1940. Essa teoria organiza-se em torno do conceito de *staple*, termo que pode ser traduzido, com certa perda de nuance, como "produto básico", "produto primário" ou "produto de exportação". Para ele, a trajetória de expansão desses produtos em determinada região não pode ser explicada apenas em termos econômicos ou quantitativos. A extração, cultivo ou produção de uma *staple* mobilizam e moldam um conjunto ampliado de dinâmicas sociais, culturais e institucionais. Se articulado a condições naturais e geográficas específicas, cada produto estabelece uma ecologia sociocultural própria, que atua de forma estruturante na formação de organizações sociais e instituições políticas características (Moraes, 2017b).

O argumento subjacente é de que o cerne das contribuições innisianas não está em seu pensamento comunicacional dos anos 1950, mas sim nas reflexões históricas e econômicas produzidas em sua juventude (Lawson, 2009). Nesta chave, Innis teria realizado uma antecipação do que mais tarde seria a Teoria dos Encadeamentos Produtivos de Hirschman (1958). Sua obra econômica forneceria certa justificativa teórica para posteriores estudos preocupados com a aferição dos parâmetros de arranjos produtivos constituídos em torno de produtos específicos (açúcar, mineração, café, no caso brasileiro; peles, pesca, madeira, no canadense). Sob o prisma hirschmaniano, cada um desses produtos básicos engendra uma série de encadeamentos (*linkages*) de maior ou menor complexidade, cada qual responsável pela emergência de ecologias produtivas mais ou menos complexas e, nesse sentido, de níveis maiores ou menores de desenvolvimento.

Ainda que com pressupostos teóricos distintos, a mecânica do neoinstitucionalismo de Douglass North parte de premissas semelhantes: distintos arranjos sociopolíticos engendram diferentes quadros institucionais (North, 1990). Tomando o modelo liberal como caso paradigmático, North busca compreender por que alguns países atingiram o desenvolvimento, e outros, não. Seus estudos buscam indicar como certos esquemas locais facilitaram o desenvolvimento e a consolidação da *rule of law*, o estímulo à propriedade privada, a inovação etc. Acontece que mobilizar Innis em uma chave econômica, seja pelo desenvolvimentismo, seja pelo neoinstitucionalismo, acaba operando um achatamento esquemático de sua teoria.

Propomos dissociá-lo dessas leituras, sobretudo por elas assumirem uma *teleologia desenvolvimentista* inexistente em sua obra.

Afirmar que desenvolvimentistas e neoinstitucionalistas são adeptos de uma teleologia desenvolvimentista indica que eles aceitam (implícita ou explicitamente) uma certa meta ou destino inerente às atividades econômicas e, em perspectiva ampliada, à totalidade da ação humana. Acontece que, para Innis, a aceitação deste ou daquele destino ou fim já indica a presença de certa determinação cognitiva parcial – ou, em seu jargão, a preponderância de um viés (Innis, 1951). Tomarmos, hoje, o crescimento (ou o desenvolvimento) como finalidade em si decorre do fato de que nosso quadro cognitivo já está – e, diria Innis, há alguns bons séculos – enrijecido pelo chamado *viés do espaço*. Se aceitamos como natural (e como um objetivo digno) a narrativa desenvolvimentista, é porque o economicismo já se assenhorou de nosso horizonte analítico, nos fazendo esquecer que existem outros objetivos para além desse.

Reduzir Innis ao papel de um anunciador do desenvolvimentismo tem algo de contraditório, uma vez que, para ele, o desenvolvimento – por ele referido pelo termo "comercialismo" – é um fenômeno negativo. O desenvolvimento é entendido por Innis como um projeto que essencializa o télos expansionista do viés-espaço, e o autor o entende como um fator de desestabilização não apenas das zonas fronteiriças do globo, mas do arquiprojeto ocidental (Charron, 1999). O que o pessimista pensador advoga é um projeto diametralmente oposto: o Ocidente não necessita de mais desenvolvimento (ou crescimento, progresso técnico etc.), mas sim de menos. Menos foco no desenvolvimento significa, no plano de horizontes cognitivos, recalibragem de objetivos sociais. Isso pode ser visto ao notarmos que os vieses da comunicação possuem não apenas uma dimensão cognitiva, mas também uma dimensão política.

> [M]ídias com pouca mobilidade espacial (como, por exemplo [*sic*], estelas, tabuletas de argila ou a própria voz humana, no caso de culturas orais) tenderiam a fortalecer sistemas coercivos de natureza temporal, no mais das vezes atrelado à prevalência de estruturas de dominação religiosas. Mídias com maior mobilidade espacial, por sua vez (o papiro, o papel ou, mais recentemente, os meios de transmissão de informação por ondas radiofônicas), se atrelariam a formas de dominação de natureza espacial, isto é, expansões territorial-administrativas[05] (Moraes, 2017b, p. 16).

O que se propõe aqui, seguindo uma tradição específica de leitura da obra de Innis (Babe 2015a; Comor 2011), é uma aproximação analítica, uma sobreposição parcial entre os conceitos de *staples* e de *mídia*, aproximação que não é inteiramente ausente no próprio pensamento de McLuhan. Em ambos os casos, trata-se de reconhecer que meios materiais operam como estruturadores de horizontes sociais, atuando como operadores de funções "cognitivas, intelectuais e emotivas"[06] em determinados arranjos históricos (Carey, 2007, p. 92, tradução nossa). O que os *produtos básicos/mídias* têm em comum é sua funcionalidade indicativa, isto é, tanto um quanto outro operam como informadores básicos da consciência e da compreensão social. O trecho a seguir, de McLuhan, deixa clara a maneira pela qual a Teoria das Mídias e a Teoria dos Produtos Básicos de Innis se amalgamam.

> A ênfase em certas matérias-primas básicas é responsável pela extrema instabilidade da economia, mas também pela maior capacidade de resistência da população. [...] Uma sociedade configurada segundo o apoio que lhe fornecem alguns poucos bens tende a aceitá-los como liames ou elos sociais, tal como a metrópole em relação à imprensa. O algodão e o petróleo, como o rádio e a televisão, tornam-se "tributos fixos" para a inteira vida psíquica da comunidade. É esse fato que, permeando uma sociedade, lhe confere aquele peculiar sabor cultural. Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos (McLuhan, 2007, p. 37).

05 Há um ponto adicional e fundamental: o *hinterland* enquanto lócus do valor econômico e simbólico (Neill, 1972; Moraes, 2017a).

06 No original: "In that sense at least, such instruments become literally part of us, modify us and alter the basis of our relationship to ourselves. One would further expect us to more intensely cathect instruments that couple directly to our own intellectual, cognitive and emotive functions than to those machines that merely extend the power of our muscles".

Até aí, não parece haver problema algum na leitura desenvolvimentista ou institucionalista. Se, como diz James Carey (2007, p. 90, tradução nossa), as "estruturas da consciência paralelizam com estruturas da comunicação"[07], ambas paralelizam as estruturas produtivas. O problema desse tipo de interpretação é que, sob o jugo dessas determinações, os espaços para a agência e a ação política são reduzidos a ponto de desaparecerem.

Acontece que Innis (sobretudo o filósofo político) não é, em absoluto, um determinista tecnológico (Christian 1977; Moraes 2017a). Não existe em sua teoria o reconhecimento de qualquer condicionamento intrínseco às *staples* ou às mídias que determine, a partir de si, este ou aquele desencadeamento institucional – estejam eles voltados ao desenvolvimento, ao progresso ou, inversamente, estejamos lidando com forças retrógradas, em prol da estagnação ou do subdesenvolvimento.

A substituição de "arranjo institucional" ou "desenvolvimento" por "progresso tecnológico" (ou "desenvolvimento" por "inovação") não resolve a equação. Em última análise, é a infraestrutura que, de um modo ou de outro, determina a superestrutura. Isso porque o desenvolvimento (se nos for lícito usar esse termo para endereçar o projeto de Innis) não é linear. Não podemos dizer que esta ou aquela variável infraestrutural causa este ou aquele avanço ou retrocesso no fio da História, porque a História não tem fio. As determinações ecológicas, sejam elas de ordem midiática ou econômica, causam saltos e inflexões qualitativas que podem ser tanto progressivas quanto regressivas.

Começamos, assim, a compreender certas complexidades do estatuto ontológico das *staples*/mídias que nem a teoria da Comunicação nem a leitura desenvolvimentista dão conta de responder adequadamente. Sim, as *staples* desenham uma ecologia que se autoconsolida. Contudo, os agentes dentro de tal arranjo também realizam um movimento contrário, que Ronald Deibert (1999) denomina *contra-determinante*. No fundo, o que está em jogo é uma interação sofisticada entre agência e estrutura: conhecedores dos vieses de um dado tempo histórico, os indivíduos podem (e, para Innis, devem) promover intervenções. Em outras palavras, o que faz com que a teoria de Innis seja particularmente interessante de um ponto de vista político é que cada arranjo "*staple*-midiático" determina horizontes de atuação, mas também de contra-atuação (Frosh, 2007).

Assim, a mídia – e, por extensão, a ecologia econômica/institucional – vale menos no que se refere a seus efeitos sobre a materialidade econômica ou social do que a seus efeitos sobre uma *materialidade expandida*, isto é, sobre horizontes cognitivos, ontológicos e políticos por elas proporcionado. Temos, portanto, uma materialidade que determina, mas também engloba a dimensão ideacional, que não necessariamente aponta para o desenvolvimento. Ou melhor: nenhuma noção acrítica de desenvolvimento pode ser adotada aprioristicamente.

A recusa de Innis em ancorar a ação humana – e seus índices de avanço – em horizontes predeterminados como desenvolvimento ou inovação conduz a uma aporia apenas aparente. Não se trata de relativismo nem de ausência de uma reflexão sobre finalidade. Embora Innis não proponha uma teleologia universal, sua obra mobiliza uma concepção plural de fins, ou, de modo mais preciso, distintas escatologias associadas a diferentes arranjos sociais. É nesse sentido que ele afirma que "cada civilização encontra sua forma de suicídio"[08] (Innis, 1951, p. 141, tradução nossa). Para elaborar esse argumento, ele recorre à noção de *equilíbrio*, evocando um conceito de origem grega. É justamente esse recurso que abre espaço para mais uma leitura simplificadora: a de Innis como um pensador conservador.

07 No original: "modalities of communication – words and numbers, sights and sounds, icons and ideographs – formed constellations of perceptive capacities which collectively defined the nature of subjectivity".

08 No original: "Stability which characterized certain periods in earlier civilizations is not the obvious objective of this civilization. Each civilization has its own methods of suicide". A passagem de Innis faz referência a uma célebre formulação do historiador britânico Arnold J. Toynbee, que escreveu que "as civilizações morrem por suicídio, não por assassinato" ("Civilizations die from suicide, not by murder"). A afirmação aparece em sua monumental obra *A Study of History*, publicada em doze volumes entre (Toynbee, 1934-1961). ".

Equilíbrio, conservação, associação: cartografia política de Harold Innis

É impossível não posicionar Innis no campo do conservadorismo, aliás, de um "conservadorismo radical" (Parker *apud* Charron, 1999, p. 307). As evidências são claras: o autor defende, por exemplo, a restrição ao livre acesso ao ensino superior por parte das massas (Salter; Dahl, 2006). Suas reticências em relação ao projeto socialista são patentes e se estendem até a variantes mais brandas, como o fabianismo britânico e o reformismo keynesiano (Noble, 1999). Ao mesmo tempo, uma série de posições suas indicam repúdio frontal a instituições que costumam ser associadas ao conservadorismo, como é o caso de sua ojeriza ao Exército (não apenas às Forças Armadas canadenses, mas à instituição como um todo), além de seu forte sentimento anticlerical (Noble, 1999). Uma vez mais encontramos um pensador refratário a esquematismos. Chamá-lo de conservador exige, portanto, escrutínio, caso queiramos fazer justiça à sua teoria política.

Podemos primeiramente dizer que seu conservadorismo não emana de uma defesa acrítica de certos méritos morais ou políticos de alguma tradição pretérita, supostamente imbuída de valores superiores. Pelo contrário: nascido em 1894, Innis teria de tudo para se inscrever na chamada grande tradição britânica – usualmente preocupada com o bom funcionamento de estruturas liberais de poder. A despeito da permissão a certas variações geralmente dentro do degradê *whig-tory*, a Inglaterra é entendida como um caso paradigmático, e o Canadá apresenta-se como uma espécie de miniatura em solo americano a ser gerida dentro dos mesmos princípios (Christian, 1977).

O que viria a marcar sua trajetória, bem como a de muitos conterrâneos de sua geração, foi a participação na Primeira Guerra Mundial. Alocados em condição subalterna a oficiais britânicos arrogantes, diversos intelectuais canadenses passaram a questionar os sacrossantos valores do Reino Unido. A década de 1920 marca, na história intelectual canadense, um momento de demarcação de especificidades nativas, seja no plano intelectual, mas também no econômico. Um aspecto de interesse adicional ao leitor brasileiro e latino-americano é que Innis passa aí a se interessar pela dinâmica civilizacional em "contextos periféricos"[09]. Essas regiões fronteiriças, onde os fatores produtivos erguem ou implodem cidades inteiras num piscar de olhos certamente parecia distinta da estabilidade propagada pela antiga tradição britânica (Watson, 2007). Em alusão a Frederick Jackson Turner (1920), o periférico, o fronteiriço é, para Innis, lócus de transformação, de crescimento, de inovação, mas também de desestabilização e caos.

Podemos entender um pouco melhor tal ponto – inclusive no que o diferencia do pensamento conservador estadunidense – se caminharmos conjuntamente com Richard Noble (1999) e sua delimitação da Teoria da Liberdade em Innis. Em primeiro lugar, vemos que a temática da liberdade jamais assume posição axiomática: "natural", "transcendental" etc. Da mesma maneira que Innis não é um determinista tecnológico, tampouco é um essencialista. A defesa de certos valores não advém de méritos transcendentais – o que iria, aliás, contra o próprio historicismo de seu projeto intelectual[10] (Deibert, 1999). Menos que fiadora da boa-vida ou farol da rota civilizatória, a defesa da liberdade surge como um *antídoto*.

> Em termos gerais, Innis concebia a liberdade como uma esfera de não interferência possibilitada por tipos (e configurações) específicos de instituições culturais, jurídicas e políticas. Ele era, nesse sentido, um tipo mais antigo de liberal: alguém que considerava a liberdade uma virtude de certos tipos de associação civil, em vez de um direito universal derivado da própria natureza dos seres humanos. Innis também acreditava que a liberdade era um bem humano substantivo: que sua presença ou ausência

09 Para uma reflexão sobre a questão periférica, ver Innis ([s.d.], p. 148 *apud* Neill, 1972).

10 "A interação entre fatores biológicos, físicos e humanos fascinaram Innis, mas ele nunca se tornou um homem com um sistema. Para fazer uma distinção crua, mas útil, ele trabalhou indutivamente e não dedutivamente. Ele extraiu sua teoria dos fatos que ele estudou; mas sempre houve uma interpenetração de fatos e teoria, cada uma refinando e modificando a outra" (Christian, 1977, p. 21). Ver também Bonnett (2013).

> era uma medida do equilíbrio e estabilidade de uma sociedade, uma medida de sua capacidade de produzir condições nas quais os humanos pudessem florescer[11] (Noble, 1999, p. 34-35, tradução própria).

Innis pode ser, assim, situado na vertente *whig* do pensamento social britânico, frequentemente vista como conservadora e encarnada em pensadores como Edmund Burke, Adam Smith e David Hume (Noble, 1999). Innis entende a conservação não apenas como preservação estática, mas essencialmente como equilíbrio e estabilidade, isto é, como capacidade plástica de adaptação e inovação. Conservar é garantir continuidade ao mesmo tempo em que se reconhece a necessidade da transformação[12].

É sugestiva a interpretação de John Bonnett (2013), que lê Innis dentro da chave da Teoria da Complexidade. O foco passa de uma liberdade generalizada para uma realidade regida por *graus de liberdade circunstanciais*. Herdeiro de Thorstein Veblen, não há em sua obra adesão acrítica à mudança *per se*. Há, pelo contrário, uma quase perene demanda pelo ajuste e pelas adaptações criativas.

Em suas obras mais maduras, Innis busca referências na Grécia clássica. Esse movimento pode ser compreendido em termos pessoais – como resposta a seu ostracismo no departamento de Economia e a sua aproximação com Eric Havelock (1963) –, mas também em chave geracional, como reflexo de um questionamento intelectual comum ao período[13]. De modo semelhante a Martin Heidegger, que revisita a Grécia Antiga para compreender os desvios da ontologia ocidental, Innis identifica na transição da oralidade platônica para a escrita aristotélica o ponto capital de inflexão[14]. Tampouco é impossível aproximar Innis a Leo Strauss (1953), um dos fundadores do neoconservadorismo estadunidense.

O problema de uma aproximação ao neoconservadorismo estadunidense é o de incorrer em "culpa por associação". Alocar Innis numa ampliada tradição intelectual norte-americana é uma leitura que tem algum fôlego. As influências de Veblen, Turner e de pensadores da Escola de Chicago são perceptíveis[15]. Talvez um pouco mais problemático seja enxergar em sua prosa uma espécie de elogio ao protestantismo, o que, ao menos num primeiro momento, o colocaria em maior proximidade à grande tradição dos Estados Unidos. De fato, existe para Innis algo de positivo na dinâmica protestante (Christian, 1977; Watson, 2007). Contudo, os méritos de (certo) protestantismo não surgem novamente de nenhuma vantagem intrínseca ou moral

11 No original: "In general terms, Innis conceived liberty as a sphere of non-interference made possible by specific types (and configurations) of cultural, legal, and political institutions. He was, in this sense, an older kind of liberal: one who regarded liberty as a virtue of certain types of civil association rather than as a universal right derived from the very nature of human beings. Innis also believed that freedom was a substantive human good: that its presence or absence was a measure of a society`s balance and stability, a measure of its ability to produce conditions in which humans can flourish".

12 Innis manifesta uma "intensa fé na criatividade humana e no poder do pensamento para transcender as circunstâncias" (Christian, 1977, p. 30). A centralidade da adaptabilidade humana em seu pensamento remonta, mais uma vez, não às suas obras sobre comunicação, mas sim aos seus estudos econômicos – especialmente em Innis (1930; 1940). Sobre essa temática, ver Bonnett (2013, p. 19), que discute a ideia de "persistência diferencial". A *paideia*, bem como conceitos ligados à universidade e ao intelectual, são aprofundados por Christian (1977, p. 25) e Amardeep Athwal (2004, p. 274).

13 Pensemos, por exemplo, em Arnold Toynbee (1934-1961) e Pitirim Sorokin (1937-1941).

14 Em sua interpretação das filosofias de Platão e Aristóteles, Innis não foca em nenhuma desavença teórica, mas sim na forma. O aspecto que lhe interessava eram as maneiras fundamentalmente diferentes pelas quais tais pensadores articulavam e transmitiam suas especulações. Innis não esconde a sua preferência por Platão, que, por meio de seu porta-voz Sócrates, confiava na palavra falada e na interação humana via debate, em que respostas finais raramente surgiam: Sócrates "foi o último grande produto e expoente da tradição oral", e os *Diálogos* de Platão seriam o ponto mais alta da escrita ocidental, porque capazes de preservar a eficácia e o poder da palavra falada. A escrita de Aristóteles, ao contrário, refletia uma lógica impecável, caracterizando-se pela exposição sistemática e exaustiva de um conceito que seu autor acreditava ser verdadeiro. Para Innis, o erro fatal de Aristóteles está precisamente aí: ele não debatia, ele instruía o leitor na "verdade". Com efeito, ele viu na substituição da tradição oral de Sócrates e Platão pela exposição escrita de Aristóteles o começo do fim (Charron, 1999, p. 132; Christian, 1977, p. 27).

15 Para uma análise do pensamento de Innis durante seu período em Chicago e sua relação com as ideias de John Dewey, ver Carey (2007).

(Noble, 1999), mas sim da afinidade funcional desta religião com o debate socrático[16].

A (des)leitura de Innis como mero pensador "norte americano" é de simples resolução. Primeiro, seu antiamericanismo é patente (Stamps, 1999). Os Estados Unidos são vistos como o agente capital de decadência do Ocidente (Watson, 2007). Para além de simples chauvinismo setentrional, Innis correlaciona o *primado espacial* [*space bias*] ao militarismo, ao imperialismo etc. (Christian, 1977; Deibert, 1999; Athwal, 2004). Menos que a irrestrita defesa de direitos individuais, até mesmo menos que a defesa de sacrossantos direitos à liberdade de expressão, petrificada na Primeira Emenda dos Estados Unidos, o alvo principal de Innis é a interação entre comercialismo e oligopolização da economia do vizinho ao Sul.

> A garantia da liberdade de imprensa assegurada pela Declaração de Direitos dos Estados Unidos e seu incentivo por meio das regulamentações postais significaram uma operação irrestrita das forças comerciais e um impacto da tecnologia sobre a comunicação moduladas [*tempered*] exclusivamente por seu próprio comercialismo. Diversos monopólios de comunicação demonstraram seu poder ao assegurar a remoção de tarifas sobre as importações de celulose e papel provenientes do Canadá [...]. O produto acabado sob a forma de anúncios publicitários e material de leitura, é importado para o Canadá sem restrições, devido à falta de controle por parte do governo federal, o que reflete a influência americana na adesão ao princípio da liberdade de imprensa e em seu incentivo ao monopólio[17] (Innis, 1952, p. 15).

Aqui, encontram-se apagados os limites entre Innis historiador, economista e teórico da comunicação. Seria interessante expandir o argumento, seguindo o próprio autor e os comentários de Christian (1977). Consideramos correta a leitura de Watson (2007), que descreve sua teoria como uma tripartite do Estado, da cultura e da tecnologia, em que se localiza um conceito não-unívoco: os "monopólios de poder" ocorrem por meio do tríptico poder-mídia-cognição. Diferentes arranjos cognitivos/midiáticos imprimem diferentes arranjos políticos, posto que possibilitam diferentes arranjos – técnicos, administrativos, operacionais etc. – de divisão do poder (Allen, 2008). Seguindo Frosh (2007), Jhally (1993) e Wernick (1986), essa mediação ocorre por meio de um arsenal de "sub-vieses": "portabilidade", "durabilidade", "codibibilidade", "representatividade" etc.

Em jogo está mais do que uma análise isolada de mídias, economia ou política. Trata-se de uma abordagem que atravessa e conecta essas esferas, um projeto de investigação ancorado em empirismo ético e nas inflexões canadenses do pensamento. Sim, é reconhecida a transição que Innis faz ao longo de sua vida: de uma preocupação econômica (o primeiro Innis), ao foco político (Innis intermediário), até sua ampla visão civilizacional (Innis final). Apesar dessas mudanças de ênfase, há constância: a atenção à capacidade de penetração dos preços nos sistemas sociais [*penetrative power*], a resistência a cânones e normatividades católicas – como aponta Dorland (1999) – e a crítica aos "fechamentos cognitivos" impostos pelos próprios vieses comunicacionais.

16 Aqui se evidencia outro interlocutor conservador interessante, Michael Oakeshoot (Boyd, 2004; Parekh 1995; Christian 1977).

17 No original: "The guarantee of freedom of the press under the Bill of Rights in the United States and its encouragement by postal regulations has meant an unrestricted operation of commercial forces and an impact of technology on communication tempered only by commercialism itself. Vast monopolies of communication have shown their power in securing a removal of tariffs on imports of pulp and paper from Canada [...]. The finished product in the form of advertisements and reading material is imported into Canada with a lack of restraint from the federal government which reflects American influence in an adherence to the principle of freedom of the press and its encouragement of monopoly".

Conclusão

Ler Harold Innis como filósofo político não implica deslocá-lo de seus campos tradicionais – a História Econômica e a Teoria da Comunicação –, mas reconhecer que esses domínios já estavam, em sua obra, atravessados por uma reflexão sistemática sobre poder, equilíbrio e formas de associação. Nesse sentido, este estudo filia-se a uma intepretação que, desde os anos 1990, relativiza a dicotomia entre tais dimensões (Christian, 1977; Deibert, 1999; Frosh, 2007; Watson, 2007). O que este artigo procurou demonstrar é que a política não constitui um acréscimo exógeno ao pensamento innisiano, mas sua dimensão organizadora.

Ao superar a cisão entre "Innis desenvolvimentista" e "Innis teórico das mídias", torna-se possível compreender que *staples* e mídias operam, em sua teoria, como formas materiais de organização do poder. Elas estruturam horizontes cognitivos, moldam arranjos institucionais e delimitam graus de liberdade possíveis em cada configuração histórica. Essa leitura permite escapar tanto do reducionismo economicista quanto do determinismo tecnológico, recolocando a tensão entre estrutura e agência no centro do debate. Essa perspectiva, assim nos parece, abre portas para diálogos entre Economia e Comunicação, tanto em vertente analítica (Babe, 2015b) quanto continental (Deibert, 1999).

Os ganhos dessa reinterpretação não são apenas historiográficos. Ao situar fenômenos contemporâneos – como plataformas digitais e redes sociais – na longa duração das transformações comunicacionais analisadas por Innis, desloca-se o foco da novidade técnica para os efeitos político-institucionais dessas mediações. Plataformas deixam de ser apenas inovações disruptivas e passam a ser compreendidas como novos arranjos *stapple*-midiáticos, capazes de reorganizar equilíbrios entre Estado, mercado e esfera pública, redefinir monopólios de poder e produzir novos vieses cognitivos.

Assim, a reativação da dimensão política do pensamento de Innis oferece instrumentos para uma agenda de pesquisa em Comunicação menos centrada na descrição de tecnologias emergentes e mais atenta às configurações históricas de poder que as sustentam. Seu pensamento funciona como operador teórico capaz de iluminar continuidades e rupturas nas formas de mediação social, reafirmando o nexo estrutural entre economia, comunicação e política.

Referências

AGUIAR, L. A. A comunicação como perspectiva de análise para a cultura: resenha do livro *O viés da comunicação*. **E-Compós**, Brasília, v. 15, n. 3, p. 1-6, set.-dez. 2012.

ALLEN, G. Monopolies of News: Harold Innis, the Telegraph and Wire Services. *In*: WATSON, R.; BLONHEIM, M. (ed.). **The Toronto School of Communication Theory:** Interpretations, Extensions, Applications. Toronto: University of Toronto Press, 2008. p. 170-198.

ALMEIDA, V. R. S. F. **Meios de comunicação e mudanças na política:** esses homens poderosos e suas máquinas de comunicar. 440 f. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/539215. Acesso em: 18 jul. 2025.

ANDRADE, M. **Aspectos da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

ANTONIO, R. F.; MATOS, R. C. O. O velho e o novo: Os investimentos e negócios de Manuel Esteves, um português no Vale do Paraíba Fluminense durante século XIX. *In*: GONÇALVES, M. C. S.; JESUS, B. G. (org.). **Educação contemporânea – volume 18:** História. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2021. cap. 7, p. 68-75.

ATHWAL, A. Harold Innis and Comparative Politics: a Critical Assessment. **Canadian Journal of Political Science**, Ottawa, v. 37, n. 2, p. 259-280, jun. 2004.

BABE, R. E. Innis' Great Transformation: Staples Thesis/Medium Theory. **Canadian Journal of Communication**, Toronto, v. 40, n. 3, p. 489-501, 2015a.

BABE, R. E. **Wilbur Schramm and Noam Chomsky Meet Harold Innis:** Media, Power, and Democracy. Boulder, CO: Lexington Books, 2015b.

BARBOSA, R. M. **Um programa de pesquisa comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan**. 400 f. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/15599. Acesso em: 20 maio 2026.

BARBOSA, R. M. Escola de Toronto e o conceito de meio de comunicação. *In*: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 4., Maceió, 4-5 ago. 2016. **Anais**... Maceió: ALCAR; UFPE, 2016. p. 1-8.

BASTOS, P. P. Z. A economia política da apreciação cambial no Brasil: comentários estruturalistas à luz da experiência histórica das décadas de 1920 e 1990. **Texto para Discussão**, n. 268, IE/Unicamp, Campinas, p. 1-28, abr. 2016.

BLONHEIM, M.; WATSON, R. Introduction: Innis, McLuhan and the Toronto School. *In*: BLONHEIM, M.; WATSON, R. (ed.). **The Toronto School of Communication Theory:** Interpretations, Extensions, Applications. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 7-26.

BOIANOVSKY, M. Furtado, North and the New Economic History. **Revista EconomiA**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 849-866, dez. 2009.

BONNETT, J. **Emergence and Empire:** Innis, Complexity, and the Trajectory of History. Montreal; Kingston: McGill-Queen's University Press, 2013.

BOYD, M. R. Oakeshott on Civility, Civil Society and Civil Association. **Political Studies**, Londres, v. 52, n. 3, p. 603-622, 2004.

BRAGA, A. McLuhan entre conceitos e aforismos. **Alceu:** Revista de Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 48-55, jan. 2012.

BUXTON, W. J. Harold Innis' Excavation of Modernity: The Newspaper Industry, Communications, and the Decline of Public Life. **Canadian Journal of Communication**, Toronto, v. 23, n. 3, mar. 1998. Disponível em: https://cjc.utppublishing.com/doi/full/10.22230/cjc.1998v23n3a1047. Acesso em: 24 jun. 2026.

CAREY, J. W. Marshall McLuhan: Genealogy and Legacy. *In*: BLONHEIM, Menahem; WATSON, R. (ed.). **The Toronto School of Communication Theory:** Interpretations, Extensions, Applications. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 82-97.

CAZAVECHIA, W. R. **A educação para além da sala de aula no pensamento do intelectual Herbert Marshall McLuhan (1911-1980)**. 148 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/8393. Acesso em: 20 maio 2026.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (org.). **Cinema and the Invention of Modern Life**. Berkeley: University of California Press, 1995. v. 2.

CHARRON, A. Harold Innis and Post-Modernity. *In*: ACLAND, C. R.; BUXTON, W. J. (ed.). **Harold Innis in the New Century:** Reflections and Refractions. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999. p. 309-321.

CHRISTIAN, W. Harold Innis as Political Theorist. **Canadian Journal of Political Science**, Ottawa, v. 10, n. 1, p. 21-42, 1977.

COMOR, E. A. (ed.). **Media, Structures, and Power:** the Robert E. Babe Collection. Toronto; Buffalo; Londres: University of Toronto Press, 2011.

DEIBERT, R. Harold Innis and the Empire of Speed. **Review of International Studies**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 273-289, 1999.

DORLAND, M. The Expected Tradition: Innis, State Rationality, and the Governmentalization of Communication. *In*: ACLAND, C.; BUXTON, W. (ed.). **Harold Innis in the New Century:** Reflections and Refractions. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999. p. 67-80.

FACIO, M. J.; CORRÊA, D. S.; PAIVA, C. A. N. Estudo sobre a dinâmica econômica do município de Taquara/RS referenciada na metodologia do quociente locacional. **DRd – Desenvolvimento Regional em Debate**, Mafra [on-line], v. 10, p. 905-931, 2020.

FARO, J. S. Marshall McLuhan 40 anos depois: a mídia como a lógica de dois tempos. **Revista Fronteiras:** Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 57-66, jul.-dez. 2004.

FONSECA, A. A.; FERNANDES, A. L. S. David Cronenberg e a Escola de Toronto: as extensões sombrias da máquina. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 17, n. 35, p. 70-86, 2016.

FROSH, P. The Bias of Bias: Innis, Lessing and the Problem of Space. *In*: BLONHEIM, M.; WATSON, R. (ed.). **The Toronto School of Communication Theory:** Interpretations, Extensions, Applications. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 147-169.

GASTAL, S. McLuhan: desdobramentos polêmicos de uma teoria (ainda) polêmica. **Comunicação & Informação**, São Caetano do Sul, v. 12, n. 2, p. 27-38, jul.-dez. 2009.

HAVELOCK, E. A. **Preface to Plato:** a History of the Greek Mind. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

HIRSCHMAN, A. O. **Strategy of Economic Development**. New Haven: Yale University Press, 1958.

INNIS, H. A. **A History of the Canadian Pacific Railway**. Toronto: The Macmillan Company of Canada Limited, 1923. Disponível em: https://open.library.ubc.ca/collections/bcbooks/items/1.0347573. Acesso em: 25 jul. 2025.

INNIS, H. A. **The Fur Trade in Canada:** an Introduction to Canadian Economic History. New Haven: Yale University Press, 1930.

INNIS, H. A. **The Cod Fisheries:** the History of an International Economy. Toronto: University of Toronto Press, 1940.

INNIS, H. A. **Empire and Communications**. Oxford: Oxford University Press, 1950a.

INNIS, H. A. The Role of the Intellectual. **Canadian Journal of Economics and Political Science**, Toronto, v. 16, n. 2, p. 169-181, maio 1950b.

INNIS, H. A. **The Bias of Communication**. Toronto: University of Toronto Press, 1951.

INNIS, H. A. **Strategy of Culture**. Toronto: University of Toronto Press, 1952.

JHALLY, S. Communications and the materialist conception of History: Marx, Innis and technology. **Continuum:** the Australian Journal of Media & Culture – Dependency/Space/Policy, v. 7, n. 1, 1993.

KATZ, R.; KATZ, E. McLuhan: Where Did He Come From, Where Did He Disappear?. *In*: BLONHEIM, M.; WATSON, R. (ed.). **The Toronto School of Communication Theory:** Interpretations, Extensions, Applications. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 98-113.

KITTLER, F. A. **Discourse Networks 1800/1900**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

LAWSON, J. Power, Political Economy, and Supply Chains: Staples as Media of Power. **International Journal of Green Economics**, Londres, v. 3, n. 1, 1, p. 28-47, 2009.

LIMA, K. M. Determinismo tecnológico. *In*: Congresso Brasileiro da Comunicação, 24., Campo Grande (MS), 2001. **Anais**... São Paulo: INTERCOM, 2001. p. 1-11.

LIMA, M. R.; SANTOS, V. A. Celso Furtado e Harold Innis: confluências em contextos distintos no debate sobre cultura, comunicação e economia política. **Intexto**, Porto Alegre [on-line], n. 53, e-112619, 2022.

MACHADO, E. G. Changing Concepts of Time 50 anos depois: a contribuição de Harold Innis para o estudo do jornalismo digital. *In*: CONGRESSO BRASILCANADÁ, Salvador (BA), set. 2002. **Anais**... Salvador: Intercom; GRICIS, 2002. p. 1-14.

MADUREIRA, E. M. P. Desenvolvimento regional: principais teorias. **Thêma et Scientia**, Cascavel, v. 5, n. 2, p. 8-23, jul.-dez. 2015.

MARTINO, L. C. Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 123-148, 2009.

MCLUHAN, M. **Understanding Media:** the Extensions of Man. Nova York: McGraw-Hill, 1964.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg:** a formação do homem tipográfico. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1977.

MEDEIROS, C. A. Recursos naturais, nacionalismo e estratégias de desenvolvimento. **OIKOS:** Revista de Economia Internacional, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 143-167, 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/oikos/article/view/51910. Acesso em: 22 jul. 2025.

MELO, J. M. **Brasil democrático:** comunicação e desenvolvimento. Brasília: IPEA, 2011.

MELO, J. M. Geografia da comunicação: itinerário brasileiro. **Tríade:** Comunicação, Cultura e Mídia, v. 2, n. 3, p. 225-248, jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/1929. Acesso em: 22 jul. 2025.

MELLO, L. P. A contribuição de Harold Innis e o uso de conceitos da geografia para análise de políticas de comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais**... São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-12.

MONTEIRO, M. A.; COELHO, M. C. N. Mineração e entropia: notas sobre interação com processos de desenvolvimento. **Novos Cadernos NAEA**, v. 10, n. 1, p. 23-40, jun. 2007.

MORAES, J. L. Ainda Harold Innis: desenvolvimentismo canadense e teoria do valor. **Informações FIPE**, São Paulo, n. 443, p. 20-23, ago. 2017a.

MORAES, J. L. Harold Innis e marxismo: encontros e desencontros. **Informações FIPE**, São Paulo, n. 445, p. 14-18, out. 2017b.

NEILL, R. **A New Theory of Value:** the Canadian economics of H. A. Innis. Toronto: University of Toronto Press, 1972.

NOBLE, R. Innis's Conception of Freedom. *In*: ACLAND, C.; BUXTON, W. (ed.). **Harold Innis in the New Century:** Reflections and Refractions. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999. p. 31-45.

NORTH, D. C. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PAREKH, B. Oakeshott's Theory of Civil Association. **Ethics**, [S.l.], v. 106, n. 1, p. 158-186, 1995.

PETERS, J. D. McLuhan's Grammatical Theology. **Canadian Journal of Communication**, Toronto, v. 36, n. 4, p. 467-476, 2011.

PIRES, A. Cafeicultura, mercados financeiros e industrialização em Minas Gerais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS EMPRESAS, 7., 8., 2007, Aracaju. **Anais**... Aracaju: ABPHE/UFSE, 2007. p. 1-22.

PIRES, A. J. O Convênio de Taubaté e a economia cafeeira de Minas Gerais – 1906/1929. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 4, n. 3, p. 32, 2008.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo:** Colônia. São Paulo: Brasiliense, 2000 [1942].

PRADO, L. C. D. Comércio internacional, convergência econômica e políticas de desenvolvimento: reflexões sobre um antigo debate. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 26, n. 2 (48), p. 5-2, set. 2015.

ROVAI, R. **Um novo ecossistema midiático:** a história do jornalismo digital no Brasil. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SALTER, L.; DAHL, C. Harold Innis and the University: the Elitist Bias. *In*: ALEXANDER, D. (ed.). **Harold Innis in the New Century**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2006. p. 131-145.

SILVA, J. M. Os suportes da comunicação: entre meio e poder. **MATRIZes**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 47-57, jan.-jun. 2013.

SOROKIN, P. A. **Social and Cultural Dynamics**. Nova York: American Book Company, 1937-1941. 4 v.

SOUSA, J.; GERALDES, E. The Impact of McLuhan's Thoughts on the Context of the Communication Research in Brazil. *In*: MCLUHAN GALAXY CONFERENCE: UNDERSTANDING MEDIA TODAY, Barcelona, 23-25 maio 2010. **Anais**... Barcelona: Editorial UOC, 2010. p. 98-107.

STAMPS, J. Innis in the Canadian Dialectical Tradition. *In*: ACLAND, C. R.; BUXTON, W. J. (ed.). **Harold Innis in the New Century:** Reflections and Refractions. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999. p. 46-66.

STRAUSS, L. **Natural Right and History**. Chicago: University of Chicago Press, 1953.

SUBTIL, F. Harold A. Innis. O Viés da Comunicação. **Comunicação Pública**, Lisboa, v. 8, n. 13, p. 125-130, 2013.

TOYNBEE, A. J. **A Study of History**. Londres: Oxford University Press, 1934–1961. (12 v.)

TRENNEPOHL, D. **Avaliação da contribuição potencial das principais atividades agropecuárias para o desenvolvimento econômico da região Noroeste do Rio Grande do Sul**. 216 f. 2010. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, 2010. Disponível em: https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/b426c736-fdce-49fe-95f6-88473402d449. Acesso em: 20 maio 2026.

TURNER, F. J. **The Frontier in American History**. Nova York: Henry Holt and Company, 1920.

VICENTE, M. M. **História e comunicação na nova ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WATSON, A. J. **Marginal Man:** the Dark Vision of Harold Innis. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

WERNICK, A. The Post-Innisian Significance of Innis. **Canadian Journal of Political and Social Theory**, Montreal, v. 10, n. 1-2, p. 128-195, 1986.

WINSECK, D. R.; PIKE, R. M. **Communication and Empire:** Media, Markets, and Globalization, 1860-1930. Durham; Londres: Duke University Press, 2007.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese
Não se aplica.

Fontes de financiamento
Não se aplica.

Apresentação anterior
Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais
Não se aplica.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Coleta de dados
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Análise e/ou interpretação dos dados
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Escrita e redação do artigo
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Revisão crítica do conteúdo intelectual
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós
Julio Lucchesi Moraes e Leonardo André Paes Müller

Informações sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?
Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?
Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?
Não.

Que interferências foram detectadas?
Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:
Nenhum.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?
Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:
Não se aplica.